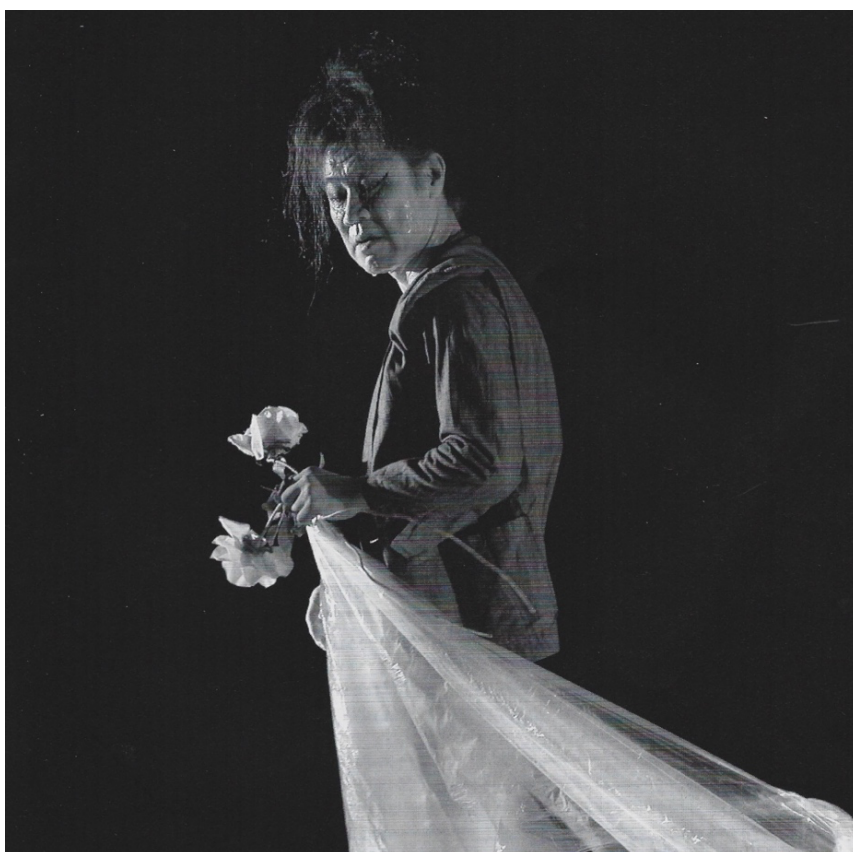


Urdimento *in memoriam*

Um tributo a Tadashi Endo (1947-2025)

José Rafael Madureira¹



Cena do espetáculo *Tasogare* (2005). Foto: Sandra Zea

Tadashi Endo nasceu na China, mas viveu toda infância e adolescência no Japão. A paixão pelo teatro e a vontade de subverter padrões estético-políticos preestabelecidos irromperam nos tempos de escola e ganharam uma forma explosiva quando ele se envolveu com a revolta estudantil dos anos 1960 contra o imperialismo estadunidense: os estudantes japoneses não poderiam permanecer

¹ Doutorado em Educação, Linguagem e Arte (UNICAMP) e pesquisador-líder do Hop Musical (CNPq/UFVJM).

 joserafaeldomadureira@gmail.com  <http://lattes.cnpq.br/3840410194168195>  <https://orcid.org/0000-0002-8461-3132>

calados diante da camaradagem do governo com um país que desenhou, deliberadamente, os massacres de Hiroshima e Nagasaki, ocorridos, justamente, há 80 anos (*um minuto de silêncio...*).

O pai de Tadashi sabia que seu destemperado filho não poderia permanecer no Japão – ele chegou a ser preso pela polícia, depois de arremessar um coquetel molotov sobre a brigada de choque. Em uma conversa franca, sugeriu-lhe que fosse estudar no exterior. Ele aceitou o conselho e foi para a Alemanha estudar filosofia. Depois de algum tempo, convencido de que o universo acadêmico não tinha o menor sentido para ele, mudou-se para Viena a fim de estudar direção teatral no conceituado e elitizado *Max Reinhardt Seminar*.

Ao finalizar os estudos, voltou à Alemanha e deu início a uma promissora carreira como diretor teatral. Ele adorava estar com os atores e orquestrar, com alguma ousadia, o processo de montagem dos espetáculos, mas as rígidas cláusulas contratuais eram insuportáveis para seu gênio criativo – ele se sentia como se estivesse trabalhando em um banco ou, ainda, vivendo em uma prisão.

Entre esperar, calmamente, pela conquista da sonhada liberdade criativa e arriscar, de imediato, uma nova vida, Tadashi escolheu a segunda opção. Ele rescindiu os contratos e passou a fazer mímica e truques de magia em festas de aniversário de crianças e *performances* de rua com músicos de jazz.

Os trabalhos como *performer*, muito bem acolhidos pelos músicos e pelo público, além de garantir seu sustento, possibilitou a participação em importantes festivais de jazz, mas ele continuava descontente. Essa situação perdurou até o encontro com Kazuo Ohno, em 1989, arranjado por Gabriele, sua esposa e grande incentivadora (Tadashi estava com quase 42 anos nessa época).

Kazuo Ohno descortinou uma realidade que já o habitava, embora latente, e indicou o caminho para a descoberta de uma dança pessoal despojada de convenções técnicas arbitrárias e maneirismos ridículos: “Eu não sou dançarino e nunca aprendi a dançar; mas aprendi muito com Kazuo Ohno, não propriamente sobre dança, mas sobre a vida, e é sobre isso que eu danço”².

O butô passou a ser a matéria poética de suas criações e o meio de extravasar suas violentas angústias e pulsões de vida e morte. Durante a longa carreira como

² Máxima extraída e traduzida do fotolivro *Tadashi Endo's Dance*, editado por Gabriele Endo (Butoh Centrum Mamu, 2008, p. 95).

intérprete-criador, conseguiu integrar suas grandes paixões: a música, o teatro e a dança.

Tadashi sempre foi muito querido pelos artistas-pesquisadores brasileiros (*a recíproca parece ser verdadeira*). Entre 2002 e 2019, veio ao Brasil inúmeras vezes, seja para dançar ou ensinar – geralmente as duas coisas. Passou pelo Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Goiás, Fortaleza, Santa Catarina e Brasília. Muitos atravessaram o Atlântico para estudar com ele no *Butoh Centrum MAMU*, seu pequeno estúdio situado na cidade universitária de Göttingen e praticamente desconhecido da população local.

Nós já estávamos sonhando em revê-lo por aqui ou (re)visitá-lo em Göttingen, mas o *lockdown* impediu qualquer reencontro. Houve uma tentativa virtual por streaming, em meados de 2020, promovida pela Périplo Produções. Na ocasião, pudemos acompanhar uma breve conversação com Tadashi seguida da “projeção” do espetáculo *Fukushima mon amour*, com trilha musical assinada por Dan Maia³.

Ele não deixou de criar durante aqueles tempos de isolamento social, ao contrário, produziu muito, mas o Brasil, por alguma razão, não voltou a ocupar sua agenda anual de cursos e apresentações.

Aprendemos muito com Tadashi Endo, sobretudo que a dança é uma potência de vida, uma senda de autoconhecimento e realização pessoal e artística, um convite ao reencontro com os espíritos da natureza, fonte das nossas forças ancestrais.

Sensei Tadashi Endo, *Arigato gozaimasu! Muito Obrigado! Thank you so much! Vielen Danke!* Sentiremos saudade das suas lições de *Butoh-Ma*, do seu olhar atento, da firmeza dos seus comandos e da generosidade infinita de cada um dos seus gestos.

Agora, como você nos ensinou, vamos transmutar esses afetos de tristeza em dança:

– *Alguém tem aí a Valsa das Flores do Tchaikovski?*

³ Produção disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a4jhdTEdVq8>. Acesso em: 24 ago. 2025.